

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS COMO METODOLOGIA DE PESQUISA LINGÜÍSTICA

MAURÍCIO SIGNORINI DIAS¹; **LETÍCIA FONSECA RICHTOFEN DE FREITAS²**

¹*Universidade Federal de Pelotas – mauricio.ufpel@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – letirfreitas@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este estudo é uma síntese de um projeto de mestrado em desenvolvimento, o qual parte de análises de narrativas autobiográficas de antigos professores que lecionaram durante a ditadura Brasil. Neste trabalho, objetiva-se analisar os posicionamentos interacionais de um professor aposentado que narra suas experiências enquanto ainda era aluno até sua atuação como docente. Neste estudo, traz-se apenas uma das narrativas que serão utilizadas para a dissertação. A escolha desta narrativa ocorreu porque o professor narra sua história de vida como aluno e também como docente. Na narrativa analisada, observa-se o grande uso da citação, isto é, quando o entrevistado diz de modo direto aquilo que os outros disseram. Nesse sentido, entende-se que os sujeitos, ao narrarem, reconstruem suas memórias recontextualizando suas lembranças ao momento da entrevista. Assim, eles constituem os personagens da sua história e os posicionam, interagindo com eles e construindo suas próprias identidades. Dessa forma, o narrador escolhe certos pontos de suas memórias e decide a forma como vai contar, conforme a mensagem que deseja passar ao entrevistador (WORTHAN, 2001; BAMBERG, 2002). Para alcançar os objetivos citados, esse trabalho utiliza as cinco ferramentas de análise narrativa propostas por Worthan (2001), juntamente dos construtos teóricos sobre o tempo narrativo e o ponto de virada estabelecido por Mishler (2012). Ademais, essa pesquisa fundamenta-se nas considerações teórico-metodológicas de memória social (CANDAU, 2014) e nas bases epistemológicas da Linguística Aplicada Indisciplinar. Os resultados apontam para uma memória organizadora relacionada à imagem do pai do professor, que serve de estratégia de posicionamento interacional em sua performance narrativa.

2. METODOLOGIA

A narrativa analisada foi coletada em 2015 por meio de uma entrevista narrativa gravada¹, na qual o indivíduo ficou livre para contar o que desejasse, a partir de uma pergunta inicial. Assim, solicitou-se que o professor contasse sua história como docente durante o regime ditatorial, bem como sua formação e o que mais julgasse necessário, sem que o pesquisador o guiasse através de perguntas ou que seguisse algum roteiro (SANTOS e BASTOS, 2014). Nesse sentido, conforme aponta Mishler (2012), o contexto da entrevista, o ambiente e a audiência influenciam no modo como o entrevistado conta determinadas coisas. Narrar uma autobiografia envolve lembranças e escolhas. Dessa forma, o indivíduo escolhe e decide o que vai narrar, constituindo os personagens de sua história, da qual são participantes. Assim, numa interação discursiva entre narrador e os personagens da narrativa, o indivíduo os posiciona à medida que também se posiciona (DAVIES e HARRÉ, 1990).

¹ Como a entrevista foi gravada, o participante, além de assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, permitiu que sua narrativa fosse usada para a pesquisa.

Para analisar a narrativa fez-se o uso das cinco ferramentas de análise dos posicionamentos interacionais propostos por Worthan (2001). A primeira delas é a de referência e predicação. Esta aponta os personagens e o modo como o narrador os trata, predica e avalia. Assim, é possível observar como o indivíduo se constitui em relação aos outros de sua história. A segunda ferramenta são os descritores metapragmáticos. Esta aponta os verbos da narrativa que constituem a fala do sujeito, manifestam sentimentos próprios e dos personagens e os predicam também. A terceira ferramenta é a citação. Por meio desta, um sujeito pode dar voz aos personagens da sua história ou citar-se para determinadas finalidades de posicionamento. Aponta-se também que a tonalidade da voz do sujeito em determinadas citações podem indicar a forma com que o narrador constitui um personagem. A quarta ferramenta são os indexicais avaliativos, que apontam para termos ou modos de falar, como estereótipos e, assim, indexicalizam conhecimentos que estão além da narrativa. A quinta ferramenta é a modalização epistêmica. Complexa, esta ferramenta aponta para o modo de relação epistêmica do sujeito ao interagir com os eventos narrados e suas referências no *aqui e no agora* da entrevista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo e a análise de narrativas detinham-se, inicialmente, à Literatura, mas com o trabalho de Labov e Waletzky (1968 apud BASTOS e BIAR, 2015), que abordava os aspectos linguísticos mais formais, esse estudo passou a ser alvo de novas abordagens vindas da linguística. Recentemente, a análise da narrativa cresceu muito entre os pesquisadores da Linguística Aplicada e de outras áreas das ciências sociais. Esse trabalho situa-se na vertente indisciplinar da linguística aplicada, que não se dedica ao estudo de aplicação da linguística para fins didáticos, mas pesquisa os usos sociais da linguagem em sujeitos deixados às margens das pesquisas linguísticas tradicionais (MOITA LOPES, 2006). Assim, além de compreender que todo indivíduo é sócio historicamente situado, entende-se que um sujeito, em uma interação social como a entrevista, é um agente que posiciona a si e aos outros em sua performance narrativa (BAMBERG, 2002). Dessa forma, ao narrar, ele dá sentidos e significados específicos a tudo aquilo que está contando. Portanto, narrar uma autobiografia é como reconstruir-se performativamente para parecer de determinada forma (WORTHAN, 2001).

Embora se entenda que recordar é uma faculdade do ser humano, faz-se importante expor que, aqui, considera-se a memória como uma constante reconstrução performada de experiências vividas, a qual não é prévia ao momento em que é proferida, pois o tempo, o ambiente e a audiência interferem na forma de como a história contada é constituída. Assim, valendo-se do pressuposto teórico da virada performativa, entende-se que os posicionamentos interacionais são performados na narrativa e não pré-formados, isto é, não são anteriores ao momento da interação social (PENNYCOOK, 2006).

Além disso, essa pesquisa fundamenta-se em dois construtos teóricos apresentados por Mishler (2012) em relação ao tempo da memória, que são o tempo narrativo e o ponto de virada. Sobre o tempo narrativo, alguns autores, como Melo e Moita Lopes (2014) e Bauman e Briggs (1990), apontam que um sujeito escolhe partes específicas de suas lembranças e entextualizam sua

história de uma forma particular que sobressai o tempo cronológico. Já sobre o ponto de virada, conforme o autor, este seria o momento da narrativa em que o narrador reinterpreta parte daquilo narrou, assim, recontextualiza sua história, dando um novo final a sua narrativa.

Conforme exposto, este trabalho analisa a parte da narrativa em que o professor conta sobre sua formação enquanto estudante de graduação. Nos excertos abaixo, ele narra sobre uma discussão ocorrida em uma assembleia com um coronel, o qual era marido de uma professora. Devido a isso, o coronel acaba por denunciá-lo e envia um caminhão para prendê-lo.

Exerto 1: [...] Pra tu ver como são as coisas/ essa pessoa que me denunciou tinha servido com o meu pai/ e meu pai tava lá esperando/ fui levado/ E o cara viu o meu pai lá/ e perguntou ↑Por que o fulano tá aqui? / é o filho dele tá sendo interrogado lá em baixo/ ↑Quem é o filho dele? É o fulano/ Aí o cara mandou a mensagem/ eu tava sentado assim/ eu vi quando chegou um cara/ um soldado ali/ disse uma coisa pro cara/ e aí/ é o seguinte a partir de agora eu vou te liberar aqui/ tu não pode mais isso e isso e isso/ me deu uma receita do que eu não podia fazer/ E aí o cara esse coronel foi falar com meu pai/ ↓ah o teu filho tá lá/ não não já mande libera ele/ não sabia que era teu filho/ é/ o meu pai/ se fosse filho de outro vocês ia matar lá em baixo/ iam torturar.

Exerto 2: [...] Agora tem um filho de um deles/ o cara é meu amigo/ e eu não me animo a falar pro cara/ porque não tem nada que ver com a história ne / e eu não digo nada/ e ele/ ↓pois é/ tivesse uns problemas/ pois é eu sei/ ↓meu pai te ajudou naquela época/ é teu pai foi legal comigo/ coitado do cara não tem que ficar com a culpa do pai/ até porque não tem/ é uma pessoa normal assim/ Então a gente ficava sabendo/ olha o fulano de tal tentou te dedurar/ é/ e hoje a pessoa tá lá/ trabalhando/ convivendo com a gente e tudo/ tá anistiado (.) eu anistiei essas pessoas (.) porque na verdade/ porque a grande maioria delas tava sobrevivendo.

No decorrer de toda a narrativa, o professor faz o uso de citações para dar voz a alguns personagens. No entanto, percebe-se uma diferença na forma de falar, quando ele dá voz ao coronel que o denunciou e ao filho de um de um deles, que é seu amigo. Como é evidenciado pelas flechas que apontam para cima, a fala objetiva do coronel possui uma elevação de tom, além de o sujeito engrossar a voz. Isso caracteriza a ideia de alguém mais forte, destacando-o. Já para a voz do amigo, no exerto 1, como se vê em “pois é/ tivesse uns problemas” o professor faz uso de uma voz mais arrastada, fina e tons baixos. Isso caracteriza a ideia de uma pessoa simples ou de pouca relevância. Há uma outra mudança em relação à voz do coronel quando sujeito narra um diálogo dele com seu pai. A voz que ele utiliza para o coronel já não possui um tom mais alto. Por meio dos descriptores “se fosse” e dos indexais avaliativos “filho de outro”, aponta-se a ideia de poder que o pai, que foi militar, tem sobre o coronel, na performance narrativa. Conforme o professor narra, ele foi salvo de algo pior devido à presença do pai. O coronel, que foi constituído como alguém de voz forte anteriormente, perde seu *status* frente ao pai do professor. Ressalta-se que o personagem do coronel, que foi caracterizado daquele modo, acabar por engrandecer a imagem paterna posteriormente. Ainda sobre a fala do pai, a referência “lá em baixo” indica o porão onde o professor foi interrogado. No exerto 2, ao comentar sobre as pessoas que o denunciaram durante a docência, o sujeito faz novamente o uso da citação, mas sem indicar a fonte. Através dos descriptores metapragmáticos “trabalhando” e “convivendo”, ele aponta para o

presente da entrevista. Isso acarreta uma ideia de continuidade, embora ele não trabalhe mais com elas, elas continuam presentes. Depois disso, ele predica essas personagens pelo descritor "anistiar", indexicalizando a ideia de perdão de crime. Dessa forma, ele as qualifica e as constitui como malfeitoras. Então, observa-se que há um ponto de virada na narrativa quando o professor, ao falar dessas pessoas, entextualiza a informação narrada, considerando que elas faziam isso para sobreviver. Então, ele recontextualiza a história para o final da narrativa, afirmando tê-las anistiado.

4. CONCLUSÕES

Através da entextualização, um sujeito pode articular a fala de seus personagens em diversos contextos, inserindo características da sua história e, também, da forma como deseja posicionar esses sujeitos (BAUMAN e BRIGGS, 1990). Na narrativa analisada, o professor entrevistado faz o uso dessa estratégia, posicionando e qualificando determinados personagens, conforme a acentuação da sua voz. Além disso, no posicionamento do professor, ao poupar o amigo de saber sobre as atitudes verdadeiras do pai, observa-se uma memória organizadora a respeito da imagem paterna (CANDAU, 2014). O indivíduo posiciona o amigo para que este tenha do pai a imagem de um herói, de acordo com a que ele tem de seu próprio pai, como uma imagem refletida. Esse modo de posicionamento interacional, em que se observam memórias organizadoras, parece constituir uma estratégia de identidade, mas que também pode corroborar para a construção teórica de uma nova ferramenta de análise dos posicionamentos interacionais relacionada à memória.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAMBERG, M. 2002. Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção de identidade aos 15 anos. In: BASTOS, Liliana Cabral. SANTOS, William S. Orgs. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2013.
- BASTOS, L.C. BIAR, L.A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. Disponível em: goo.gl/MYZjvk
- BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. Annual Review of Anthropology, v. 19, p. 59-88, 1990. Disponível em: goo.gl/3G7oAv
- CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. São Paulo. Contexto, 2014.
- Davies, B., & Harré, R. (1990). Positioning: The discursive production of selves. Journal for the Theory of Social Behaviour, 20(1), 43-63.
- MELO, G.C.V.; MOITA LOPES, L.P. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v14n3/1518-7632-ld-14-03-00653.pdf>.
- MISHLER, Elliot. Narrative and identity: the double arrow of time in: A. D. F., D. S. and B. (eds). **Discourse and Identity**. Cambridge: CUP, 206. p. 30-47.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo – Parábola Editorial, 2006. p.85-107
- PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.67-84.
- WORTHAN, Stanton. **Narratives in Action: A strategy for Research and Analysis**. New York: TeachersCollege Press, 2001.